

Faz agora um ano que, ao celebrarmos o 2.º aniversário da nossa revista, quisemos ligar o futuro do nosso movimento cultural ao nome de um grande escritor—Romain Rolland. Hoje, queremos associar a passagem do 3.º aniversário ao nome de outro grande escritor a quem a humanidade muito deve—Máximo Gorki. Escusado é dizer que o facto de termos homenageado o grande escritor francês antes do autor dos *Ex-homens* não significa que não tenhamos por ambos a mesma carinhosa admiração.

—Está prestes a sair um volume de 300 páginas, com 130 esquemas de lições, sobre didáctica aplicada do ensino primário. O título da obra é: «Orientação técnica do ensino», e são seus autores, Manuel Inácio de Faria e A. Joaquim Domingues. A edição pertence à Livraria Argus, Rua Alexandre Braga, Porto.

—Das «Edições Cosmos» recebemos: *O Destino da Grei* (crónicas angolanas), por Gastão de Sousa Dias e *A Guerra Económica*, 2.º volume, pelo Almirante inglês Consett, da colecção «Documentos da Grande Guerra—1914-1918».

—Na «Colecção Amanhã» acaba de sair o livro *Compasso de Espera—episódios quotidianos*—de Bastos Guerra, que, com o seu humorismo, nos dá, aqui e ali, capítulos de crítica saudável.

—A «Seara Nova» editou: *Elogios*, de Bernardim Ribeiro, selecção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. No prefácio, R. Lapa faz resumidamente a biografia de Bernardim Ribeiro (isto é, hipotese), faz a análise da obra e explica as razões da selecção feita.

—Um leitor e amigo mostrou o desejo de que os desenhos e ilustrações de *Sol Nascente* fossem feitos principalmente por artistas portugueses. Julgava que Aires, Huertas Lobo e Somar eram estrangeiros. Ora, quando se trata de artistas estrangeiros, costumamos declará-lo. Quando não se faz referência é porque se trata dum nosso compatriota.

—No seu artigo «*Miosótis*», no n.º 279 d'O Diabo, Álvaro Marinha de Campos fez um justíssimo reparo a respeito das falsificações históricas da revista *Seara Nova*.

—Comunicamos que a nossa última edição «*Sinfonia da Guerra*» de António Ramos de Almeida, se esgotou. Aos leitores que nos perguntaram se ainda poderiam obter «*Ilusão na Morte*», novelas de Afonso Ribeiro, também das nossas edições, respondemos afirmativamente.

—Recebemos o folheto: «*Contra a mentira da crítica em Portugal*», da autoria de Amorim de Carvalho, onde o autor, em termos de desprepositada violência, pretende «arrasar» o crítico João Pedro de Andrade e implicitamente apregoar o valor de dois livros seus, valor que aquele crítico lhes negou. Não sabemos que mais lamentar: se a má fé evidenciada em todo o livro se o tempo perdido em questões de interesse nulo, num momento em que todas as energias deveriam convergir para os problemas concretos e importantes da nossa época.

—Abel Salazar realizou no Salão Silva Porto outra exposição em que se destacaram traduções estéticas vigorosas do maior herói e tragédia do norte: o trabalho das mulheres.

—Do romance *Huasipungo* foi feita uma adaptação para crianças, com ilustrações coloridas,

C r i t i c a

Trata-se, cremos, dum primeiro livro de versos. E dizemos um primeiro porque Leonel Neves nos revela desde já possibilidades de vir a ser um verdadeiro poeta.

Há no seu estilo, por vezes, rigor incisivo e naturalidade. E' quando nos fala da vida do povo, das tragédias humildes das existências perdidas entre as massas, que L. N. mais seguro de si se nos apresenta. São as várias figuras populares que o poeta vai vendo ou adivinhando da janela:

—Com a giga á cabeça, uma varina erguen o seu pregão na minha rua. E' nova, mas deixou de ser menina em noite ardente em que era Linda a tua!

—Acólá, a gentil costureirita vive a sonhar a mocidade inteltra: —confecciona sedas, veste chita; —serve palácios, vive na trapeira.

—Um operário! Vem-nos á memória uma figura grega de obelisco... mas não radia o rósto a luz da glória! hem tem o garbo de quem lança o disco!

Em «*Alentejo*», poema regional, também Leonel Neves revela qualidades dum cantor popular que nos dá belamente e com justeza (embora um tudo nada *poetizada* em demasia) a vida do camponês repartida entre o amor e o trabalho inglório. As quadras iniciais do poema respiram um saudável paganismo.

A I.ª VOLTA AO MUNDO

O Prof. Agostinho da Silva, cujos recentes esforços para a organização do *Núcleo Pedagógico de Antero de Quental* esbarraram com insuperáveis dificuldades, é um daqueles homens que nunca desanimam. Empenhado numa obra de difusão cultural e de propaganda pedagógica, não cessa de pôr as suas notáveis qualidades de escritor e de pedagogo ao serviço da causa da educação e da cultura que tanto o apaixona. Já antes das *démarches* para a organização do Núcleo, tinha-nos dado uma série de biografias e de pequenos livros para a juventude, editados pela *Seara Nova*. A maneira como foram recebidos esses trabalhos mostra a necessidade de deles havia e o sentido de eficácia com que foram elaborados e escritos.

Agora, o Prof. Agostinho da Silva acaba de lançar uma colecção de cadernos de infor-

“JANELA ABERTA”

poemas de Leonel Neves, Lisboa-1941

São estes sobretudo os aspectos positivos por que entendemos que «*Janela Aberta*» vale. E', quanto a nós, aí que o autor nos dá as tendências pessoais do seu lirismo.

No resto, L. N. falha: ou porque a forma, ainda não suficientemente educada, trai as suas intenções; ou porque se serve de tópicos estafados que lhe são alheios (e a que nem sequer empresta nenhuma originalidade); ou porque joga com palavras e se deixa seduzir por influências prejudiciais. Exemplo do primeiro caso:

Oh meu Algarve!, porque estás tão longe com os teus horizontes sorrisonhos?, e eu na cidade, qual na cela um monge sem horizonte a despertar-lhe os sonhos?

Exemplo do segundo caso:

A cruz bendita que abraçou Jesus tornou a Humanidade redimida

(Etc. Até ao fim.)

Dentro da terceira deficiência apontada—retórica junqueliana:

E na cidade imensa, ébria de luzes, há covardias, há escuridão. Há um milhão de cruces, se somos um milhão;

e o pessimismo mórbido de Nobre:

E enfim, morrer... em Fevereiro!

(importa o pormenor à última ilusão:)

—As amendoieiras lá de ao pé da porta deitavam flores sobre o meu caixão!

A quadra de abertura é um jôgo de palavras que, pelo seu tom subjectivo e colocada no frontespício do livro deixaria esperar para este um sabor egocêntrico que lá não existe.

Se fazemos estes reparos, é porque sentimos o dever de apontar ao autor aqueles aspectos que, nesta primeira obra, nos parecem exteriores à sua personalidade e consequentemente aquilo de que, para futuro, deverá procurar emancipar-se. Sucedendo assim, estamos certos que, dentro em breve, teremos em Leonel Neves um cultor da poesia viva, dum poeta que traduza os sentimentos do homem de hoje, oposta a tanto livro de versos desactualizados, decalcados, *profundos* e piegas que para aí vegetam.

C. RELVAS

INICIAÇÃO

“cadernos de informação cultural Lisboa-1940

mação cultural, «sem nenhuma espécie de interesse comercial, apenas para que haja, para os menos cultos, possibilidade de iniciação, cómoda e barata, num certo número de assuntos científicos, históricos, literários, filosóficos, etc., e para que, pagas as despesas, se recolha receita suficiente para que se possa realizar uma obra de educação que todos desejaríamos o mais ampla possível».

O volume com que começa a colecção «*Iniciação*» intitula-se *A primeira volta ao mundo*. E' um folheto de vinte e duas páginas em que se descreve a

célebre viagem de circumnavegação do português Fernão de Magalhães.

A leitura do caderno sugere este problema: terá verdadeiramente valor cultural em si mesmo o conhecimento, mais ou menos pormenorizado, da viagem de Fernão de Magalhães? Porque uma coisa é certa: o objectivo de *A primeira volta ao mundo* confina-se à estrita descrição da viagem prescindindo do ambiente histórico da época, das relações sociais, das contradições económicas, etc. O autor do caderno parece não ter tido em vista mais nada senão a actualização de Magalhães antes e durante a viagem, até ao momento em que perdeu a vida. Magalhães e as suas extraordinárias qualidades pessoais de combatividade, de domínio e de tenacidade—enchem o opúsculo. O autor de *A primeira volta ao mundo* teve sem dúvida alguma o propó-

(Continua na página oito)